

REVISTA DE ARQUEOLOGIA

Volume 34 No. 3 Setembro – Dezembro 2021
Edição Especial: Tecnologias Percíveis

ARTIGO

ENTRE O PERECÍVEL E O INDELÉVEL: O *XKMARI* WAIWAI

Vinicius Honorato De Oliveira*, Otekmi Kunupira Wai Wai**

RESUMO

O interesse arqueológico do *xkmari* (ralador de mandioca) waiwai emerge a partir da observação do uso de lascamento para produção dos chamados “dentes de ralador”. Assim, é através de um dos materiais menos percíveis, que o *xkmari* adentra o debate arqueológico. No entanto, o *xkmari* só pode ser entendido em sua completude material se uma série de matérias-primas percíveis for contemplada. Neste artigo buscaremos apresentar informações etnográficas e de cronistas; bibliografia arqueológica; e observação recente da produção de *xkmaris* na aldeia Mapuera, norte do Pará, para refletir sobre o potencial arqueológico desse tipo de artefato e sobre o papel e limites das classificações arqueológicas. Discutiremos o papel desse item da cultura material como um articulador em amplas redes de relação do norte-amazônico e Guianas, e como um agente em diferentes esferas de identificação cultural.

Palavras-chave: arqueologia amazônica; Waiwai; tecnologia lítica.

* Docente da Universidade Federal do Oeste do Pará, Instituto de Ciências da Sociedade, Bacharelado em Arqueologia. E-mail para correspondência: vinicius.honorato.oliveira@gmail.com; ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-4176-5451>.

** Discente da Universidade Federal do Oeste do Pará, Instituto de Ciências da Sociedade Bacharelado em Arqueologia. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-8451-4655>.

BETWEEN THE PERISHABLE AND THE INDELIBLE: THE WAIWAI *XKMARI*

ABSTRACT

Archaeological interest in the waiwai *xkmari* (manioc grater) emerges from observations on the use of flaking to produce the so-called “grater teeth.” Thus, it is due to one of the least perishable materials that the *xkmari* enters the archaeological debate. Yet, the *xkmari* can only be understood in its entirety if a number of perishable raw materials are likewise contemplated. In this article we seek to present information from ethnographic and ethnohistorical sources; from archaeological bibliography; and from recent observations on *xkmari* production in the Mapuera village, northern Pará state, to discuss the archaeological potential of the *xkmaris* and the role and limits of archaeological classification. We discuss this material culture item’s function as an articulator within far-reaching networks of relations in the northern Amazon and The Guianas, and as an agent within different spheres of cultural identification.

Keywords: Amazonian archaeology; Waiwai; lithics.

ENTRE LO PERECEDERO Y LO INDELEBLE: EL *XKMARI* WAIWAI

RESUMEN

La importancia arqueológica del *xkmari* (rallador de mandioca) waiwai surge a partir de la observación del uso de la talla lítica para la producción de los llamados “dientes de rallador”. De esa forma, es a través de uno de los materiales menos perecederos que el *xkmari* entra en el debate arqueológico. Sin embargo, el *xkmari* sólo puede ser entendido en su conjunto, si una serie de materias primas perecederas es contemplada. En este artículo buscaremos elencar informaciones etnográficas y de cronistas; bibliografía arqueológica; y la observación reciente de la producción de *xkmaris* en la aldea Mapuera, en el norte del estado de Pará, para reflexionar acerca del potencial arqueológico de los *xkmaris* y sobre el papel y los límites de las clasificaciones arqueológicas. Discutiremos el rol de este objeto de la cultura material como un articulador en amplias redes de relaciones del norte amazónico y de las Guyanas y como agente en diversas esferas de identificación cultural.

Palabras clave: arqueología amazónica; Waiwai; tecnología lítica.

INTRODUÇÃO

O interesse arqueológico pelos *xkmaris* (raladores de mandioca) surge principalmente a partir da observação do uso do lascamento para a produção desses itens, particularmente da produção dos chamados “dentes de ralador” (*saama yoori*). Portanto, é através de um dos materiais menos perecíveis, que o *xkmari* adentra o debate arqueológico. A produção de um *xkmari*, porém, envolve uma série de outros materiais, majoritariamente perecíveis, como madeira, resina e pigmentos. É exatamente na prancha de madeira e a partir das resinas e pigmentos que uma relevante parte dos significados das imagens pintadas e disposição dos *saama yoori* está contida. Buscaremos aqui engajar nosso debate a partir da ideia de completude material do *xkmari* como forma de integrar elementos perecíveis e não-perecíveis e suas visibilidades arqueológicas. Reconhecemos que a importância desse item vai além de sua dimensão material, utilitária e econômica, perpassando também aspectos ontológicos e mitológicos. Aspectos esses que serão tratados somente de forma secundária.

Etnografias feitas com o povo Waiwai colocam o *xkmari* como um item de valor singular em extensas redes de troca na região norte-amazônica. Nossa proposta é um exercício inicial de integração de um item bastante específico da cultura material waiwai e, mais em geral, do norte-amazônico com outras iniciativas relacionadas à arqueologia waiwai que integram saberes atuais da produção cerâmica à luz de informações orais, históricas e etnográficas (C. WAI WAI, 2019); que discutem a fase cerâmica Konduri a partir das ocupações de falantes de línguas Karíb no norte amazônico (J. WAI WAI, 2017; JÁCOME, 2017) e o papel da materialidade para a interação social e cosmológica dos Waiwai através da cestaria e cerâmica waiwai (RODRIGUES e GASPAS, 2020).

As informações aqui apresentadas provêm de pesquisa bibliográfica baseada em relatos de cronistas e etnógrafos; de literatura arqueológica; de registro audiovisual e observação do processo de produção dos *xkmaris*; e de entrevistas semi-estruturadas com sete mulheres na aldeia Mapuera, Terra Indígena Nhamundá/Mapuera, localizada no noroeste do estado do Pará e nordeste do Amazonas. As sete mulheres entrevistadas se identificam como Tiryó, Mawayana (2) Katwena (2), Xereu e Waiwai.¹

OS WAIWAI DA ALDEIA MAPUERA

A aldeia Mapuera é estabelecida na década de 1970 (SCHULER ZEA, 2006) após o retorno de famílias da aldeia-missão Kanashen, na Guiana, para o rio Mapuera (X. WAI WAI, 2017, p.18). A aldeia-missão Kanashen foi constituída na década de 1940 por missionários evangélicos estadunidenses e serviu como importante polo de atração de diversos povos da região (CAIXETA DE QUEIROZ 2015, p. 114). Esse processo de concentração foi intensificado entre as décadas de 1950 e 1970 motivado pela atração missionária e por perdas populacionais causadas por epidemias (CAIXETA DE QUEIROZ 2015, p. 117). A partir da década de 1970, observa-se, por um lado, um movimento de retorno de muitas famílias aos seus territórios tradicionais e, por outro, de dispersão, que se iniciou principalmente com a constituição de aldeias-missão como Kanashen. Esses retornos podem ser explicados a partir da expulsão dos missionários evangélicos pelo governo de orientação socialista que chega ao poder em 1971 na Guiana (SCHULER ZEA, 2006) e também da própria expectativa inicial dos indígenas de permanecer por pouco tempo na aldeia-missão (CAIXETA DE QUEIROZ 2015, p.117). Nesse contexto, é estabelecida a aldeia Mapuera, que manteve de certa forma uma

¹ Uma pequena trajetória de cada mulher entrevistada será detalhada em monografia de conclusão de curso de um dos autores do presente texto.

estrutura de organização compósita² semelhante à aldeia-missão Kanashen. Atualmente, a aldeia Mapuera reúne diversos falantes de línguas karib, que estão organizados em diferentes “bairros” da aldeia.

É comum que a aldeia Mapuera seja entendida como uma aldeia Waiwai, pois, embora os moradores dominem outros idiomas (geralmente línguas karib relacionadas entre si), a língua Waiwai é usada majoritariamente quando não é a única língua falada (WAI WAI, 2017, p. 18). O predomínio do uso do etnônimo Waiwai deve ser entendido a partir dos processos históricos das últimas décadas e das relações desenvolvidas com os não indígenas, sendo adotado tanto para tratar-se de um povo específico quanto para a coletividade que inclui outros povos (*yana*) que se agruparam nas aldeias-missão e posteriormente em outras aldeias como a Mapuera. Catherine Howard aponta que

“o termo ‘Waiwai’ é utilizado para referir-se tanto ao núcleo original como aos membros das aldeias agregadas, onde a língua waiwai predomina. No entanto, há contextos em que os habitantes dessas comunidades ainda apelam para diversas identidades ‘tribais’ secundárias que fazem referência a aldeia natal, parentela, aliança de facção ou língua materna.” (HOWARD, 2002, p. 30).

A importância da localidade para a identificação Waiwai é reforçada por Caixeta de Queiroz (2008) com base em Fock (1963), que aponta a aldeia como uma importante unidade de identidade social e política que pode preponderar sobre o pertencimento a algum povo específico no sentido de uma entidade cultural delimitada (CAIXETA DE QUEIROZ, 2008, p. 208-209). O termo *yana*, sufixo que significa “povo” ou “gente”³ (CAIXETA DE QUEIROZ, 2015, p. 106) vem geralmente associado a uma referência de lugar, como Katxuyana, ou povo do rio Katxuru (Cachorro). Essa forma de atribuir nome enquanto identidade deve ser entendida como um processo que envolve fissão e fusão. No processo de “fusão” (GRUPIONI, 2015; CAIXETA DE QUEIROZ, 2015), com a constituição de convergências localizadas, como a aldeia Mapuera, as nomeações baseadas na localidade podem servir para marcar relações e diferenças em um contexto no qual a mistura observada na formação das aldeias e das próprias pessoas é parte fundamental da constituição da vida (ALCANTARA E SILVA, 2015, p. 161). Essas observações são importantes para pensarmos nas categorias classificatórias dos materiais arqueológicos e no esforço de correlação com povos por trás desses materiais, exercício feito por Jácome (2017) para entender a variabilidade cerâmica encontrada no rio Mapuera.

Ao longo deste trabalho, muitas vezes faremos referência ao “*xkmari waiwai*” como um produto de relações e articulações identitárias múltiplas na aldeia Mapuera, visto que as mulheres fabricantes dos *xkmari* também se identificam como Xeréu, Katwena, Tiriyo, Mawayana, além de Waiwai. Assim, a complexidade de definição do que é “ser Waiwai” deve ser entendida também na dificuldade de se observar um reflexo na materialização de seus saberes técnicos, como bem apontam Rodrigues e Gaspar (2020, p. 175). Essa é uma avenida de investigação merecedora de avaliação mais detalhada dentro do universo dos *yana* e outros povos do norte-amazônico. Diante disso, neste trabalho questionamos o seguinte: Seria possível atribuir uma especialidade na produção do *xkmari* relacionada a uma coletividade específica, assim como observado por Janet Chenela (1992) na rede de troca do alto rio Negro? E, caso essa atribuição seja possível,

² Segundo Caixeta de Queiroz (2015, p. 118), uma aldeia com formação compósita seria “composta por pessoas ou gentes provenientes de “subgrupos” distintos e originários de diferentes áreas”

³ Além de variações como “yó”, como para Tiriyo, ou “koto”, em Parukoto (GRUPIONI, 2015, p. 139).

como tratá-la à luz do caráter relacional e fluido das identidades étnicas da região? Essas e outras questões são discutidas ao longo das seções que se seguem.

O PROCESSAMENTO DA MANDIOCA NOS PRIMEIROS RELATOS E CRÔNICAS

A existência dos raladores de mandioca tem sido sugerida arqueologicamente já há bastante tempo a partir dos “dentes de ralador” líticos (LATHRAP, 1970, 1973; ROOSEVELT, 1980; BARSE, 1989; PERRY, 2002, 2004, 2005; PROUS *et al.*, 2009, 2012; DUARTE TALIM, 2012; MORAES, AMARAL LIMA e SANTOS, 2014, entre outros). Eles estão entre os últimos implementos de pedra lascada ainda em uso na atualidade (PROUS *et al.*, 2009, 125).

Os supostos dentes de ralador líticos são recorrentemente tomados como evidência indireta do processamento da mandioca. Donald Lathrap (1970) sugere que, “onde quantidades de microlâminas de matérias-primas exóticas são encontradas, pode-se dizer com razoável confiança que raladores de prancha de madeira cravejada foram utilizados e que a mandioca brava era o alimento básico” (LATHRAP, 1970, p. 52). Trabalhos de traceologia e amido realizados por Linda Perry (2002, 2004, 2005) no rio Orinoco apontam para o uso de microlitos como dentes de ralador nessa região. Porém, os grânulos de amido identificados indicam o processamento de uma variedade de raízes (araruta, inhame, gengibre) e sementes (milho, e possivelmente de palmeiras) (PERRY, 2002, p. 68). A ausência de evidência direta de mandioca reforça o clássico alerta de Warren DeBoer (1975) para que se tenha cautela com a associação direta de artefatos específicos (os possíveis dentes de ralador e assadores cerâmicos) ao consumo da mandioca. Nosso objetivo aqui é afirmar a potencial presença dos “dentes de ralador” no registro arqueológico e compilar informações que demonstrem o valor desse tipo de artefato no engajamento dos estudos de tecnologia lítica com o processamento de alimentos, redes de intercâmbio e especialização, integrando os artefatos líticos – ou o elemento indelével – a um sistema tecnológico que produz um implemento que é perecível, o *xkmari*, e que deve ser entendido na sua completude material, a despeito da ênfase arqueológica nos elementos não perecíveis.

Baseado em uma extensa literatura arqueológica, histórica e etnográfica para a região das Guianas, Martin van den Bel (2015; 2020) questiona a existência nessa região dos raladores de pedra incrustada em prancha de madeira antes do contato com os europeus. Ele argumenta que os raladores feitos através da inserção em pranchas de madeira de lascas líticas ou material metálico são cópias ameríndias dos raladores de cobre introduzidos pelos europeus no século XVII (BEL, 2015, p. 105). A adoção desse implemento teria sido promovida por uma demanda dos colonizadores pela farinha de mandioca, fazendo com que a importância do milho na dieta dos povos das Guianas decrescesse. Parte do argumento de Bel é baseado na evidência positiva da presença de milho, ao invés de mandioca, em raladores cerâmicos ao longo da costa das Guianas e nos relatos de cronistas.

Todavia, é merecedor de nota que, desde os primeiros relatos de cronistas do século XVI, descrições acerca do processamento da mandioca para fins de produção da farinha aparecem com grande frequência. Como veremos, a maioria das referências do século XVI e das primeiras décadas do XVII que apresentaremos refere-se a falantes de línguas Tupi⁴ da costa atlântica, que vai do atual estado do Maranhão ao Rio de Janeiro. Nesses

⁴ Optamos por focar apenas no século XVI com o intuito de contribuir com a discussão acerca da existência desses artefatos no período anterior à invasão europeia e no Brasil, dada a grande quantidade de informação já levantada por Bel (2015, 2020) para as Guianas.

relatos, o processo de ralar a farinha se dá desde o uso de raladores com rochas incrustadas como no *xkmari waiwai*, até a utilização de rochas ásperas e da maceração em instrumento do tipo almofariz. Frequentes também são as referências a outros aparatos para a transformação da mandioca em farinha, como tipitis, peneiras e assadores cerâmicos, os dois primeiros de natureza perecível e difícil observação arqueológica.

Já na curta carta de Pero Vaz de Caminha (1500) a importância do que pode ser a mandioca é indicada quando o escrivão comenta sobre a ausência de animais domesticados, dizendo que “Nem comem senão desse inhame, que aqui há muito, e dessa semente e frutos, que a terra e as árvores de si lançam”. Porém, é com o relato do alemão Hans Staden (1557), escrito a partir de suas experiências do final da década de 1540 e primeira metade da década de 1550, que se tem uma das primeiras informações acerca do processamento da mandioca. Ele aponta para três distintas maneiras de beneficiamento do tubérculo. Em duas delas, eram utilizados instrumentos para o processamento da mandioca e produção de farinha.

“Eles preparam a mandioca de três modos diferentes. Primeiro: trituram totalmente as raízes numa pedra, em pequenas migalhas, e as amassam para que o suco saia por meio de um tubo feito a partir das cascas das palmas e que chamam tipiti. Assim, a massa, que fazem então passar por uma peneira, fica seca. Com a farinha cozinham, então, bolos finos. O recipiente dentro do qual torram e cozem sua farinha é queimado a partir de barro e tem a forma de uma grande travessa. Segundo: eles pegam as raízes frescas, as põem na água, deixam fermentar, tiram da água e deixam secar na fumaça em cima de um fogo. Chamam essas raízes secas de carimã. Conservam-se durante muito tempo. Quando os selvagens querem então usá-las, trituram-nas num almofariz de madeira. O pó fica branco como farinha de trigo. Disto fazem bolos que chamam de beijus.” (STADEN, 1557, Capítulo XI, Parte II).

Ainda na década de 1550, o missionário protestante francês Jean de Léry escreve o relato mais recuado sobre raladores elaborados a partir da incrustação de dentes líticos em prancha de madeira e utilizados para o processamento de mandioca de que temos conhecimento. O relato de Léry (1961 [1578]) é recorrentemente apresentado nos textos que tratam dos raladores (PROUS *et al.*, 2009; BEL, 2015 e 2020; HONORATO de OLIVEIRA, 2015; DUARTE-TALIM, 2015). Léry (1961 [1578]) aponta para dois tipos diferentes de tubérculos, aos quais ele chama de *aypi* e *maniot* e que depois de tirados da terra

“...as mulheres (os homens não se ocupam disso) secam-nas ao fogo no *bucan* tal como o descreverei adiante; ou então as ralam ainda frescas sobre uma prancha de madeira, cravejada de pedrinhas pontudas (como o fazemos ao queijo e à noz-moscada), e as reduzem a uma farinha alva como a neve.” (LÉRY, 1961 [1578], s/n, capítulo IX, da Parte II).

Outros relatos do século XVI apontam para o processamento da mandioca a partir do ato de ralar com graus de detalhamento distintos com relação ao tipo de instrumento usado. Gabriel Soares de Sousa, senhor de engenho português que viveu na Bahia a partir de 1567, comenta em seu Tratado Descritivo do Brasil que a mandioca, depois de lavada e descascada, é ralada “em uma pedra ou ralo que para isso tem” (SOARES de SOUSA, 1879 [1587]), sem dar maiores informações sobre o tipo de ralador usado. Da mesma maneira, na segunda metade do século XVI, o jesuíta Fernão Cardim refere-se à produção de farinha após o processo de ralar (CARDIM, 1925 [1580]), sem informar com mais minúcias sobre os aparatos utilizados.

Por fim, já no início do século XVII, o capuchinho Claude d'Abbeville (1874 [1614]) informa sobre a utilização de ralador feito a partir da incrustação de rochas ou ossos de peixes em um ralador de madeira. Em sua visita ao Maranhão no ano de 1612, d'Abbeville (1874 [1614]) escreve:

O seu sustento diario consiste, em vez de pão, em farinha de raiz de *mandióca* ou de *macacheira*, ou de *macaxeira-étè*, que ralam n'uma especie de crivo, feito de madeira, e onde estão encaixadas as muitas pedras e ossos de peixes agudíssimos. Expremem todas essas raspagens com ambas as mãos em panellas de barro, e fazem d'esses bagaços grandes bollas, que deitam a secar no sol, e depois esfarelam-nos, cozinham-nos em panella de barro, mexendo sempre até ficar grumosinhos” (D'ABBEVILLE, 1874 [1614], p. 352).

Embora a preponderância da mandioca como alimento básico e o papel da agricultura concentrada em itens específicos em períodos anteriores ao contato com os europeus possam ter sido superestimados (NEVES, 2016; MORAES, 2015) ao mesmo tempo que a importância de outros cultivares (milho, outros tubérculos e palmeiras) foi subdimensionada (BEL, 2020; PERRY 2002), a questão segue ainda sendo tema de intensos debates. Não é nosso objetivo aqui um engajamento com essa discussão que envolve, entre outras coisas, diferenças da visibilidade arqueológica de espécies vegetais específicas.

O *XKMARI* NA LITERATURA REFERENTE AOS WAIWAI

Na literatura histórica acerca do povo Waiwai, dos *yana*⁵ e da região norte-amazônica e guianense as referências aos *xkmaris* aparecem com grande recorrência. Do ponto de vista arqueológico, pode-se observar alguns eixos principais nas referências e comentários feitos sobre os *xkmari*. Um primeiro eixo e possivelmente o mais recorrente entre os relatos é o importante papel que esses itens têm nas redes de intercâmbio e relações regionais (GALLOIS, 2005; HOWARD, 2002). Um segundo eixo que se torna mais presente a partir da produção etnográfica do início do século XX ilumina a importância do *xkmari* na vida cotidiana a partir de seu uso no processamento de uma grande quantidade de tubérculos, sementes, frutos e produtos medicinais. Por fim, o terceiro eixo relaciona-se à cadeia operatória de fabricação do *xkmari* integrada a um sistema tecnológico mais amplo e que abarca cadeias operatórias específicas de seus componentes. Este último ponto aparece também com maior recorrência na literatura arqueológica a partir dos anos 2000, principalmente por causa dos 'dentes' líticos, nos trabalhos de Perry (2002), Prous e colaboradores (2009), Duarte-Talim (2012, 2015), Moraes, Amaral Lima e Santos (2014), Honorato de Oliveira (2015), Bel (2015, 2020).

Nota-se que grande parte desses trabalhos arqueológicos foram realizados em áreas geográficas relacionadas aos Waiwai e/ou a contextos das cerâmicas da Tradição Inciso e Ponteada, associadas a povos falantes de línguas karib (GASPAR, 2019; LATHRAP, 1970; ROCHA, 2017; ZUCCHI, 1985). Devido ao cenário ainda fragmentário das pesquisas arqueológicas acerca dos raladores, não podemos no momento afirmar positivamente sobre a real existência dessa correlação entre a Tradição Inciso e Ponteada

⁵ Ruben Caixeta de Queiroz (2015, p. 108-109) adota o termo “complexo cultural Taruma-Parukoto” para tratar da multiplicidade de povos da região a partir de critérios linguístico-culturais e de proximidade geográfica. Trata-se de uma modificação de Frikel (1958), que utilizava a ideia da existência de uma cultura Parukoto-Charuma, que teria traços específicos localmente (povos Waiwai, Hexkaryana, Xereu, Mawayana, Karapawana, Tunayana, Parukoto, Katuena, entre outros).

e os raladores do tipo *xkmari*, todavia essa associação recorrente parece-nos merecedora de maiores investigações.

Desde as primeiras menções etnográficas aos Waiwai feitas pelo geógrafo prussiano R. H. Schomburgk, que percorreu a Guiana entre as décadas de 1830 e 1840, o *xkmari* aparece como importante item em redes de troca interétnicas no norte-amazônico e região das Guianas. Durante a expedição que passou pelo rio Kuyuwini (Cuyuni), tributário do alto rio Essequibo, norte da serra do Acari, em 1843, Schomburgk (1845) comenta que os Tarumã eram afamados por serem especializados na produção de raladores de madeira com rochas incrustadas. As informações seriam que os Tarumã forneciam esses itens aos Wapixana que, por sua vez, abasteciam colonizadores europeus percorrendo uma distância entre 400 a 500 milhas (cerca de 640 km a 800 km). Schomburgk (1845) oferece também um breve relato do processo de fabricação, informando que o tempo necessário para a produção de cada ralador seria de pelo menos “cinco ou seis dias”. O processo de lascamento dos dentes líticos não é pormenorizado, mas Schomburgk (1845) informa que as rochas verdes utilizadas eram obtidas em local distante alguns dias de viagem subindo o rio Kuyuwini. Essas rochas são afixadas em prancha de madeira com medidas de 2,5 a 3 pés de comprimento por 15 a 18 polegadas de largura (76/90 cm x 38/45 cm). Schomburgk (1845) informa que, após a fixação dos dentes líticos na prancha, é utilizada uma seiva tingida com urucum (*Bixa orellana*) que, além de ajudar na fixação, dá um acabamento brilhante à peça. Mais adiante em sua descrição, os raladores são novamente mencionados no alto Coretiene quando a expedição alcança o território Pianakoto (Tiriyó). Em uma relação de troca com quilombolas da região, os Pianokoto recebiam “machados, facas e terçados em troca por cães de caça, tangas (*waistlaps*), redes e raladores de mandioca” (SCHOMBURGK, 1845, p. 78).

Algumas décadas mais tarde, o geólogo canadense a serviço do Reino Unido, Charles Barrington Brown (1876), traz informações que convergem com Schomburgk (1845). O geólogo comenta sobre rotas no alto Essequibo usadas pelos Tarumã que forneciam aos Wapixana cães de caça e raladores de mandioca em troca de itens de metal como facas, machados e tecidos calicós (BROWN, 1876, p. 163). É ainda de Barrington Brown a primeira associação direta que tivemos acesso entre o etnonônimo Waiwai e o “comércio” de raladores, embora esse autor não dê detalhes acerca das características desses implementos:

“Essas pessoas [Tarumã] nos disseram que os membros de sua tribo, dos quais as casas havíamos avistado rio abaixo, haviam ido junto com três Wapisianas para visitar uma tribo Woyawaise [Waiwai], que mora perto das cabeceiras do Essequibo. Os Wapisianas haviam vindo através do rio Cuyuwini com o propósito de com aqueles índios obter via troca raladores de mandioca e cães de caça” (BROWN, 1876, p. 248, tradução nossa).

Já nas primeiras décadas do século XX e com viés mais etnográfico, o antropólogo estadunidense William Farabee (1924), após viagens de campo entre 1913 e 1916, descreve brevemente a produção de raladores pelos Waiwai a partir de prancha de madeira produzida a partir da carapanaúba (*Aspidosperma excelsum*), com dimensões de 2,5 pés de comprimento por um pé de largura, e espessura de duas polegadas (cerca de 76 cm x 30 cm x 5 cm). Os dentes líticos são inseridos com a utilização de instrumento de madeira após a produção das cavidades através de um furador feito de osso. Para fixação dos dentes líticos, é utilizada uma resina da *Ceroxylon andicola* (*Ceroxylon alpinum*).

Além de ressaltar que as mulheres waiwai que viviam a sul da serra do Acari produziam os melhores raladores de toda a região (FARABEE, 1924, p. 21, 157) e que essa

prática se constituía como uma verdadeira indústria dos Waiwai, Farabee (1924) também comenta sobre a presença de um ralador em uma casa Macuxi e fala acerca da circulação dos raladores regionalmente, informando que:

“Os Macusis os obtêm através de troca com os Wapisianas, que os conseguem com os Tarumas, vizinhos dos Waiwais. Um empreendedor comerciante Taruma que vive entre os Wapisianas casou-se com uma garota Waiwai que é boa produtora de raladores e através de sua produção abastece um grande mercado” (FARABEE, 1924, p. 21, tradução nossa).

Walter Roth, antropólogo e administrador colonial britânico na então Guiana Inglesa, reforça o valor dos raladores nas redes de troca. Esses itens eram procurados com tal intensidade que tanto os Tarumã quanto os Waiwai em determinados momentos passavam a usar placas rochosas com superfície áspera devido ao intemperismo em substituição aos raladores elaborados em madeira e dentes líticos (ROTH, 1924, p. 277). A descrição de Roth com relação ao processo de fabricação dos raladores pelos Tarumã é bastante pormenorizada e ilumina vários aspectos da cadeia operatória de sua produção. Roth (1924) comenta sobre a obtenção do material lítico em locais também visitados pelos Waiwai. De maneira similar ao que veremos adiante na aldeia Mapuera, a coleta dos blocos rochosos pesando de 10 a 50 libras (cerca de 2,4 kg a 22 kg) ocorria nas épocas mais secas do ano, quando o embasamento rochoso estava exposto. Além da rica descrição do processo de lascamento feito pelas mulheres Tarumã, Roth (1924) comenta que os núcleos coletados poderiam passar por tratamento térmico anteriormente ao início do processo de redução, prática que potencialmente pode ser confirmada a partir de análises de material lítico arqueológico.

A partir da década de 1950, os relatos etnográficos, especificamente sobre os Waiwai⁶, caracterizam-se por serem muito mais detalhados. Com uma inspiração etnológica culturalista, os relatos dos etnólogos dinamarqueses Niels Fock (1963) e Jens Yde (1965) iluminam vários aspectos do engajamento do *xkmari* waiwai em um sistema tecnológico de produção, nas redes de troca, no processamento de diversos tipos de alimentos e medicamentos, e nos aspectos relacionados às manifestações gráficas neles presentes. Fock (1963) novamente ressalta a importância do *xkmari* nas redes de troca e o esforço despendido em sua fabricação e comenta que o *xkmari* foi, durante o século anterior ao relato, o item de exportação mais importante dos Waiwai e que:

“Ainda hoje os bem-decorados raladores dos WaiWai são seu maior artigo de exportação para o norte das savanas; em troca os WaiWai obtêm as cobiçadas miçangas de porcelana que atualmente dominam seu vestuário e ornamentação, além de facões e alguns machados de metal que facilitaram enormemente a agricultura” (FOCK, 1963, p.239).

A presença de raladores muito estimados nas casas Wapixana também é comentada por Jens Yde (1965), que ressalta a grande durabilidade dos dentes líticos utilizados na

⁶ Entre o século XIX/início do século XX e a metade do século XX (ou períodos anterior e posterior ao processo de evangelização e concentração nas aldeias-missão), observa-se uma mudança nas referências que associam a expertise da produção dos raladores a povos específicos. Enquanto no primeiro momento são frequentes as associações dos raladores também aos Tarumã (e.g. SCHOMBURGK, 1845; FARABEE, 1924 e ROTH, 1924), no segundo momento essas referências se concentram nos Waiwai (e.g. FOCK 1963 e YDE 1965). Isso pode ser devido à incorporação dos Tarumã aos Waiwai, no sentido mais amplo do etnônimo Waiwai, durante o processo de evangelização e concentração nas aldeias-missão.

sua fabricação. “O sáma [dente de ralador] é tão superior que, quando os raladores Waiwái estão desgastados pelo uso, os Wapisiana retiram os sáma e os recolocam em pranchas novas” (YDE 1965, p. 36). A qualidade dos dentes de ralador waiwai não é por acaso, dado que a obtenção de sua matéria-prima muitas vezes envolvia deslocamento de alguns dias até as fontes de boa qualidade. Yde (1965) observa que, embora no entorno de uma aldeia no alto Essequibo pudesse haver grande quantidade de material rochoso como granito, as viagens para coleta, além de longas, podiam ser feitas apenas em determinados momentos do ano quando os níveis das águas estavam baixos e os embasamentos rochosos expostos, situação semelhante àquela observada por nós na aldeia Mapuera e por Roth no alto Essequibo (ROTH, 1924, p. 278). Com relação às ferramentas utilizadas para a fabricação dos dentes de ralador e furos das pranchas, Yde (1965) oferece os primeiros relatos da utilização de ferramentas de metal, alterando o quadro desenhado cinco décadas antes por William Farabee (1924). As observações dão conta que o lascamento já na fase final é feito com a utilização de um formão já bastante desgastado que é utilizado como percutor. O mesmo formão também é utilizado como percutor contra um prego bem afiado que tem a função de produzir as cavidades em que serão inseridos os dentes líticos (YDE, 1965, p. 33). Ao fim desse processo de incrustação, aplica-se uma camada de pintura vermelha feita com urucum (*Bixa orellana*), fervida com “uma resina e um certo tipo de látex” (YDE, 1965, p. 34).

A PRODUÇÃO DO *XKMARI* NA ALDEIA MAPUERA

Apresentamos a seguir informações recentemente produzidas acerca do processo de produção dos *xkmari* na aldeia Mapuera. Atualmente, há uma intensa produção de raladores menores e menos ornamentados para venda como artesanato. As informações aqui contidas são referentes aos raladores confeccionados para uso doméstico, seja pela própria artesã e seus familiares, seja para serem vendidos ou trocados com outras aldeias ou mesmo com outros bairros da aldeia Mapuera. Em consonância com o foco nas tecnologias perecíveis deste dossiê, optamos por abarcar diversas etapas da cadeia operatória do *xkmari*, procurando fazer concomitantemente observações acerca da possibilidade de engajamento dessa tecnologia com observações sobre sua visibilidade arqueológica.

As informações que serão apresentadas a seguir foram levantadas antes do convite para a participação no simpósio Tecnologias Perecíveis (XX Congresso da Sociedade de Arqueologia Brasileira, realizado em novembro de 2019 na cidade de Pelotas, Rio Grande do Sul). Naquele momento, nosso objetivo era registrar a cadeia operatória ampla do *xkmari* waiwai. Todavia, durante a participação no simpósio e posterior escrita do presente texto, ficou evidente que havia um claro viés em nosso roteiro de entrevistas e em nosso registro que privilegiava a dimensão não perecível, resultado de um viés implícito que não nos havíamos questionado. Assim como Warren DeBoer (1975) alerta em sua “*cautionary note*” para o cuidado na associação direta entre dentes de ralador e a presença da mandioca, restou-nos clara uma abordagem arqueológica acostuada a privilegiar elementos não perecíveis mesmo quando nos deparamos com um universo de materiais perecíveis enorme; problema especialmente grave em contextos arqueológicos amazônicos.

Obtenção de matérias-primas

A obtenção das matérias-primas utilizadas para a produção dos *xkmaris* envolve estratégias de mapeamento do território durante as atividades cotidianas de roça, coleta, caça e visitas a parentes e a outros locais do território.

Madeira

A busca e processamento da madeira utilizada para a fabricação da prancha do *xkmari* é uma atividade masculina. A árvore que fornece essa madeira recebe o mesmo nome do instrumento, *xkmari yepu*⁷ (pé de ralador ou árvore do ralador), demonstrando pelo próprio nome um uso bastante específico. William Farabee (1924, p. 20) identifica a árvore utilizada como *Aspidosperma excelsum* (carapanaúba), enquanto as outras referências anteriores não apresentam maiores detalhamentos. Roth (1924, p. 277) informa que a madeira seria de árvores com cerne violeta (*purple-heart*), e Jens Yde (1965, p. 32) também menciona uma árvore de nome “*shimári*” cuja espécie não pôde ser identificada e uma segunda madeira utilizada alternativamente, de nome *mopeímo* (*Cedrela odorata*), a mesma árvore apontada mais recentemente por Prous e colaboradores (PROUS *et al.*, 2009). A informação mais recorrente aponta para uma madeira de coloração clara e de pouca dureza.

As árvores são identificadas tanto por homens quanto por mulheres durante atividades cotidianas, visitas a roçados ou durante expedições de coleta e caça. Atualmente a derrubada e corte em forma de pranchas são realizados com uso de motosserra. A finalização da prancha antes do início da incrustação dos dentes é feita pelas mulheres com a utilização de plainas de marceneiro. Uma especificidade dos raladores waiwai (e outros do norte-amazônico, como o descrito para os Tarumã) é a prancha plana, enquanto outros povos, como os Baniwa do alto rio Negro, os produzem a partir de superfícies abauladas (RIBEIRO, 1995).

Material lítico

A obtenção dos materiais líticos, único componente não perecível do ralador, para a produção dos dentes líticos (*saama yoori*) se dá através de visita à cachoeira *Marawica Kahxin* (Cachoeira do Pacu), distante cerca de 4 horas de motor rio abaixo, a partir da aldeia Mapuera. As visitas ao local se dão durante a estação seca, uma vez que o embasamento rochoso se encontra no leito do rio Mapuera, que fica inacessível durante a maior parte do ano. Ainda assim, para coletar os núcleos líticos, os homens precisam mergulhar em busca dos blocos mais apropriados. As coletas se dão geralmente em situações nas quais as famílias acampam na área para caçar e coletar.

As rochas do rio Mapuera utilizadas para fabricação dos dentes de ralador são chamadas de *watwa yererî* (fígado de jacaré), com coloração cinza escura (daí o nome) e reconhecidas por sua alta resistência⁸. Uma segunda variedade de material lítico utilizada é conhecida como *yakwe yerexkuru* (referente a uma parte da barriga do tucano). A *yakwe yerexkuru* é a rocha favorita das mulheres da aldeia Mapuera por causa de sua maior aptidão ao lascamento, produzindo lascas com maior facilidade, porém mantendo as propriedades desejáveis de resistência à abrasão. No entanto, essa rocha é encontrada somente no rio Kapuwini⁹. As mulheres da aldeia Mapuera conseguem essa rocha por

⁷ Estamos em processo de identificação da espécie da árvore. Contudo, não nos foi possível obter essa informação antes de fecharmos o texto porque as atividades nos laboratórios da Universidade Federal do Oeste do Pará (UFOPA) estão suspensas devido à pandemia. O mesmo ocorre com a identificação do material lítico. Obtivemos algumas amostras dos materiais utilizados na confecção dos dentes líticos que também serão descritas na UFOPA.

⁸ Aparentemente trata-se de um diabásio.

⁹ O rio Kapuwini (Cafuini) é formador do rio Trombetas e é conhecido como Caphu ou Kaffu pelos Mawayana e Pianokoto; Kaapu (céu) para os anciãos, Katwena e Tunayana; ou Kahu para os Katxuyana (VALENTINO, 2019, p. 20). Existe a possibilidade de que esse nome possa ter sido “importado do” ou “exportado para” o alto Essequibo onde há rio com nome muito similar. Victor Alcântara e Silva destaca, a partir de Frikel (1971),

meio de encontros com parentes durante viagens conjuntas até a cidade de Cachoeira Porteira. A *yakwe yerexkuru* é obtida através de pagamento em dinheiro ou troca por *xkmaris* novos.

A grande qualidade dos dentes líticos dos raladores waiwai (*saama yoori*) é bastante reconhecida, como pudemos perceber no relato de Yde (1965), que apontava para o reaproveitamento dos dentes pelas mulheres Wapixana, uma vez que a prancha de madeira e a resina de fixação tinham se deteriorado. Em algumas entrevistas, também nos foi relatado o reaproveitamento de parte dos *saama yoori*, mesmo depois de mais de uma década de uso dos raladores.

A observação do processo de lascamento do material lítico foi feita quando as mulheres tinham à disposição apenas a rocha acinzentada *watwa yereri* (fígado de jacaré). Uma avaliação comparativa entre possíveis variações técnicas relacionadas às diferentes matérias-primas ainda está por ser realizada. As mulheres iniciam com uma forte percussão unipolar com martelo ou marreta (Figura 1-a) que retira lascas com dimensões maiores que 4 cm. Uma vez reunidas essas lascas, inicia-se o processo de produção dos dentes líticos, que se dá através da percussão bipolar. Nele apoia-se o talão ou extremo distal na bigorna de rocha e percute-se o outro oposto com um instrumento de metal (Figura 1-b). A lasca apoiada fica, assim, posicionada verticalmente (eixo entre bulbo e parte distal perpendicular à bigorna). Essa segunda etapa gera uma grande quantidade de lascas bipolares com tamanho menores que 2 cm.



Figura 1. Ferramentas utilizadas no lascamento dos dentes e incrustação. **a.** Martelo e chapas metálicas usadas para debitagem inicial e demais etapas do lascamento. **b.** Percutor pesado utilizado no lascamento sobre bigorna. **c.** Percutor de chapa metálica e prego para produção de furos para incrustação. **d.** Instrumento com ponta metálica e cabo de madeira utilizado para produzir os furos para incrustação e apoio do dente no momento de sua fixação. Fotos: Otekmi Wai Wai.

A formatação final dos dentes se dá em uma próxima etapa, na qual lascas bipolares mais delgadas (cerca de 1 mm de espessura), geradas pela etapa anterior, são apoiadas com suas faces ventrais ou dorsais na bigorna e, com utilização de outro instrumento de aço com formato chato (cerca de 3cm de largura por 0,5cm de espessura (Figura 1-c), são formatadas através do espatifamento de suas bordas até que ganhem uma feição mais longilínea e pouco espessa (mantendo a espessura de cerca de 1 mm). Para isso, a lascadora protege a parte da lasca que se pretende manter, deixando exposto o que se deseja retirar. Essa estratégia assemelha-se muito à descrição do processo de lascamento

como o deslocamento geográfico de povos karib do norte-amazônico envolve também a repetição de topônimos (ALCÂNTARA E SILVA 2019, p. 67).

dessas peças entre os Tarumã feita por Walter Roth (1924, p. 279) (Figura 2-a). Além da formatação sobre bigorna, observamos uma das mulheres finalizando algumas peças sobre a própria prancha de madeira momentos antes de incrustá-las.

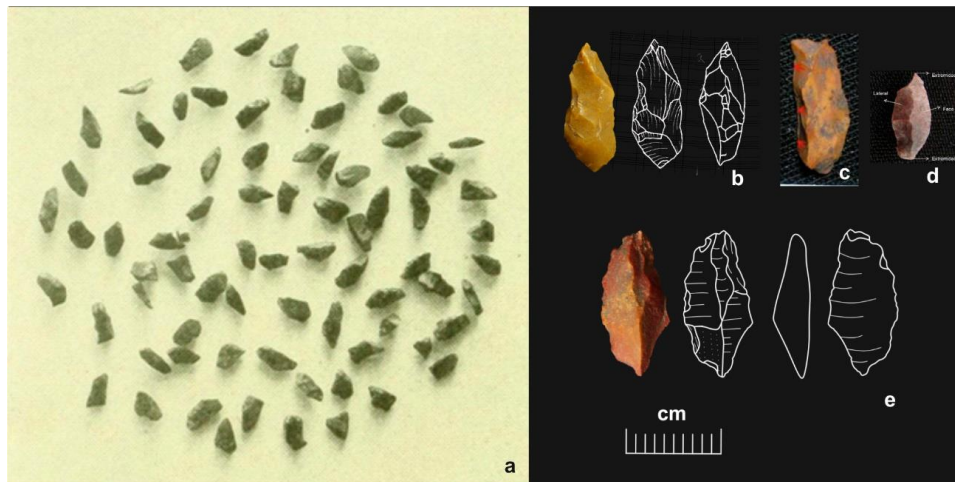


Figura 2. À esquerda, dentes de ralador etnográficos (ROTH, 1924, prancha 67). À direita, “possíveis” dentes de ralador arqueológicos: **b.** Sítio Porto, Santarém (em Santos 2014). **c.** e **d.** Região do rio Trombetas (adaptado de DUARTE-TALIM, 2012, p. 59, 227), **e.** sítio Pajaú, alto Tapajós. Montagem extraída de Honorato de Oliveira (2015, p. 82).



Figura 3. Diferentes etapas da produção dos *saama yoorí*. **a.** Lascamento unipolar, debitagem de lasca inicial. **b.** Lasca de debitagem com diversas cicatrizes de lascamento sobre bigorna, grande frequência de lascas refletidas. **c.** *Saama yoorí* finalizado. **d.** lascas em diferentes etapas de redução. Fotos: Otekmi Wai Wai.

Embora um estudo tecnológico mais aprofundado ainda precise ser realizado, é possível observar algumas convergências entre os dados aqui apresentados e as sequências de redução descritas por Débora Duarte-Talim (2015) e Rogério Andrade (2015) para o que chamaram de possíveis dentes de ralador escavados em contextos arqueológicos e relacionados à cerâmica da Tradição Inciso e Ponteada presente na região do rio Trombetas e Santarém, respectivamente. Duarte-Talim (2015) descreve uma sequência que parte da debitage de lascas maiores através de percussão sobre bigorna seguida de retoques laterais também produzidos sobre bigorna. Os retoques geram negativos curtos de 2 a 3 mm (ou menos). Tanto nos contextos do rio Trombetas quanto em Santarém, observa-se uma forte preferência pelo sílexito, preferência também observada no médio Tapajós nos contextos mais meridionais que conhecemos relacionados à Tradição Inciso e Ponteada (HONORATO de OLIVEIRA, 2015). Com relação à produção dos dentes que observamos, é possível perceber uma diferença de dimensões, sendo as peças atuais mais delgadas que as arqueológicas. Essa menor espessura da lasca suporte faz com que, no processo final de formatação dos dentes de ralador, haja fraturas do tipo espatifamento ao invés de produção de negativos visíveis a partir de retoques bipolares.

A visibilidade arqueológica da tecnologia do *xkmari*, que em sua completude material é perecível, se dá a partir de sua dimensão indelével, o dente lítico. A identificação desse item da cultura material é dificultada pelas estratégias de coleta em campo e pelo treinamento de profissionais da arqueologia. O espaçamento das malhas das peneiras aliado a solos mais argilosos, que, quando molhados, muitas vezes não passam pelo crivo, também podem fazer com que boa parte dessas peças sejam descartadas ainda em campo. Ademais, a premissa de que “rochas são escassas na maior parte do vale amazônico e não foi um item importante da cultura material” (MEGGERS, 1948, p. 149) e que, por conseguinte, “a observação minuciosa dos estilos cerâmicos devem carregar o maior peso nas nossas tentativas de estudar movimentos populacionais, rotas de trocas antigas e as fronteiras de unidades políticas agora extintas” (LATHRAP, 1970, p. 63) até pouco tempo atrás era um paradigma implícito na arqueologia amazônica e pode ter feito com que a atenção dispendida com materiais líticos lascados com dimensões diminutas tenha sido pequena. Exemplos contrários, todavia, podem ser vistos a partir dos trabalhos do Museu Goeldi na região do rio Trombetas (RODET, GUAPINDAIA e MATOS, 2010) e bem sintetizados por Duarte-Talim (2012); da Universidade Federal do Oeste do Pará através das estratégias de coleta bastante refinadas, com utilização de uma série de peneiras geológicas e finalizada em laboratório (MORAES, AMARAL LIMA e SANTOS, 2014); e do trabalho de William Barse no Orinoco (BARSE, 1989; PERRY, 2002). Entendemos que, como um avanço das caracterizações das cadeias operatórias da produção dos dentes líticos, a dimensão não perecível do *xkmari* poderá auxiliar para uma melhor compreensão do papel, e mesmo da presença, do *xkmari*, um item perecível, no registro arqueológico.

A incrustação

O processo de colocação dos dentes líticos pode levar apenas “poucos dias” nos casos de produção de *xkmari*s menores e com dedicação quase exclusiva do tempo para essa tarefa. Quando o trabalho de produção dos *xkmari*s é dividido com outras atividades domésticas ou com trabalhos externos, como o serviço de saúde da aldeia, os tempos podem ser muito mais alargados, podendo superar um mês para produzir um *xkmari* maior (cerca de 65 cm x 30 cm).

Com a prancha de madeira já cortada nas dimensões finais e com a sua face bem aplainada, é pintado um esquema que guiará a aplicação dos dentes. Atualmente são

utilizadas canetas hidrográficas, canetas esferográficas ou lápis. Essa etapa é muito importante para orientar a incrustação e possivelmente para a funcionalidade do ralador. Uma das mulheres informou que sua mãe fazia os desenhos nas pranchas para ela, ou seja, mesmo dominando outras etapas da produção como o lascamento e a incrustação, o posicionamento dos dentes possui uma importância ímpar, além de apontar para um processo de ensino e aprendizagem que envolve várias mãos na produção de um instrumento. Observamos dois padrões distintos das linhas que compõem o esquema: um com linhas diagonais paralelas e outro, mais comum, com diagonais paralelas em dois sentidos que produzem paralelogramos.

Com as linhas já traçadas na prancha, inicia-se a incrustação a partir da porção mais próxima da artesã. Algumas mulheres aplicam os dentes em etapas marcadas por cada um dos paralelogramos, colocando inicialmente os dentes sobre as linhas e posteriormente preenchendo o espaço interno da forma geométrica a partir de suas bordas já incrustadas (Figura 4-b). Observamos também a estratégia de cobrir uma porção maior ou as linhas de múltiplos paralelogramos e depois preencher seus espaços internos. Uma terceira alternativa é a de, mesmo quando as linhas desenhadas formam paralelogramos, seguir uma das linhas diagonais por vários paralelogramos (ou simplesmente, linhas paralelas quando não há os paralelogramos) aplicando, após a incrustação sobre a linha, os dentes líticos paralelamente à linha inicial (Figura 4-a)

A incrustação em si se dá furando a prancha de madeira com um instrumento pontudo metálico como um prego ou um vergalhão com ponta afiada (Figura 1-c direita e 1-d), que geralmente é percutido com o mesmo instrumento de metal achatado usado para dar a forma final dos dentes. Essas duas ferramentas ainda são utilizadas para posicionar o dente na madeira. A ferramenta de percutir o prego também é usada para percutir o dente enquanto o prego ou vergalhão apoia e direciona a entrada dos dentes na prancha. Após alcançar metade da área a ter os dentes aplicados, a prancha é virada e a aplicação é iniciada na outra extremidade. Em um dos raladores, contamos uma média de cerca de 6 dentes por cm^2 . Um ralador com área incrustada de 20x40 cm teria assim cerca de 4.800 dentes. Similarmente, Prous e colaboradores (2009) descrevem um ralador waiwai com cerca de 8.100 dentes dispersos em uma área de 49 cm x 39,5 cm; média de 4,2 dentes por cm^2 (PROUS *et al.*, 2009, p. 128).



Figura 4. Processo incrustação. **a.** Incrustação paralela. **b.** Incrustação seguindo paralelogramos. **c.** Xkmari finalizado em sua primeira utilização. Fotos: Otekmi Wai Wai.

Resinas e pigmentos

A finalização do *xkmari* se dá através de aplicação de uma resina que ajuda na fixação dos dentes e que serve como base para os grafismos. O látex que serve de base para essa resina vem de uma árvore conhecida como *osohku*¹⁰, a mesma designação apontada por Yde (1965, p. 65). Esse látex pode ser pigmentado com urucum (*Bixa orellana*) para uma coloração avermelhada (Figura 4-c) e com folhas de palmeiras queimadas para a cor preta. Atualmente o trabalho de finalização através da aplicação de resina e execução de grafismos é feito pelas mulheres, mudança observada com relação aos relatos anteriores (FOCK, 1963; YDE, 1965), que atribuíam esse trabalho aos homens.

¹⁰ O *osohku* também é conhecido como sorva (possivelmente trata-se da *Sorbus domestica L.*). A árvore *osohku* possui um fruto comestível e adocicado que é bastante apreciado na aldeia Mapuera. Estamos aguardando a reabertura das atividades presenciais na UFOPA para finalizar a identificação das espécies vegetais utilizadas na produção do *xkmari*.

CONCLUSÃO

A persistência da prática de confecção e uso dos *xkmari* - entendida como uma “rearticulação intencional de determinadas práticas e suas respectivas identidades à luz de novas realidades econômica, política e social” (PANICH *et al.*, 2018, p. 11-12) -, em um contexto no qual a disponibilidade e uso de outros tipos de raladores de metal já é presente, possibilita-nos discutir uma série de questões caras à arqueologia, desde aspectos relacionados às classificações arqueológicas e seus usos para abordar fronteiras sociais, identidades, territorialidade até questões históricas concernentes à relação de populações indígenas, quilombolas e tradicionais com o processo colonial. É necessário, porém, não tomar essa persistência como única forma de resistência ou como a recusa à introdução de mercadorias industrializadas, como alerta Catherine Howard (2002), mas percebê-la a partir de um reposicionamento contextualizado historicamente.

Embora o *xkmari* seja um item necessário para a produção de um alimento básico como a farinha (além de servir para o processamento de uma ampla gama de outros vegetais), os tempos envolvidos na busca pelas matérias-primas, a mobilização de diferentes pessoas da comunidade, o esforço laborioso de confecção dos dentes líticos, sua incrustação e acabamento são claros indicadores de que devemos abordá-lo de maneira que vai além de seu entendimento como item utilitário. A prática de fazer e trocar esse item constrói e reafirma identidades e faz com que relações com outras pessoas e lugares sejam mantidas fora da aldeia. Além disso, também se carregam os lugares através da transferência dos topônimos dos locais deixados para os novos lugares ocupados (ALCÂNTARA E SILVA, 2019). Para além de sua dimensão material, o *xkmari* também se apresenta como agente nas redes de relações do norte-amazônico e guianense, servindo como um articulador das identidades entre povos karib da região.

A inserção do *xkmari* waiwai no universo artefactual do norte-amazônico, quando abordada tanto a partir de uma perspectiva histórica direta quanto de observações contemporâneas, nos permite refletir sobre os potenciais explicativos e os desafios das classificações arqueológicas, sejam elas baseadas em construções do culturalismo histórico (como aquelas adotadas pelo PRONAPA/PRONAPABA) sejam a partir de uma abordagem mais relacionada à antropologia da tecnologia (*e.g.* LEMONNIER, 1986), bastante adotada em estudos de tecnologia lítica. Especificamente com relação ao esforço de entender a variabilidade artefactual e sua relação com identidades sociais, as escolhas técnicas da produção do *xkmari* podem de fato servir para reafirmar ou demarcar diferenças culturais, assim como observou Adriana Dias para contextos antigos do sul do Brasil (2007, p. 64). Esse esforço, porém, torna-se mais complexo ao nos depararmos com sistemas de relações regionais como observados no norte-amazônico e Guianas e em outros locais da Amazônia, como o alto rio Negro (CHERNELA, 1992) e alto Xingu. Nessas regiões observa-se a especialização da produção de itens específicos por determinados povos e a circulação desses itens em um processo de manutenção de amplas redes de relações (GALLOIS, 2005).

A presença e visibilidade da dimensão não percível do *xkmari* waiwai, o *saama yoori*, em contextos arqueológicos relacionados a outros povos para além do universo Karib, poderia, se tomada de forma incauta, homogeneizar o que é complexo e variado. Identificar essa complexidade, multiplicidade de identidades e redes de relações continua sendo um desafio para a arqueologia em suas classificações artefatuais. Mesmo em um contexto mais local, como a aldeia Mapuera, a associação do *xkmari* como um item waiwai pode mascarar a complexidade e fluidez identitária marcada, por exemplo, pelas auto-identificações diversas das mulheres entrevistadas (Tiriyó, Mawayana, Katwena, Xereu) em um universo no qual também há a identificação como Waiwai, devendo o *xkmari* ser entendido como um produto dessa multiplicidade de identidades. O *xkmari* se

constitui, assim, como um “item waiwai” através da configuração sócio-política atual, na qual o etnônimo Waiwai pode ser acionado para designar um povo e, de forma mais ampla, uma variedade de outras identidades reunidas por um processo histórico específico, como aquele promovido pelas aldeias-missão a partir de meados do século XX.

Embora ainda necessitemos documentar mais detalhadamente toda sua cadeia operatória, no caso da produção atual dos *xkmari* na aldeia Mapuera, a multiplicidade identitária até o momento não pareceu refletir uma variedade tecnológica ou morfológica. Assim, ao menos no contexto atual, o *xkmari* parece se configurar como um item “waiwai” no uso mais amplo do termo (ou seja, como um coletivo de povos), servindo como um item exemplar da multiplicidade das relações dos povos karib no norte-amazônico e se definindo como “waiwai” a partir dessas mesmas relações. Dessa forma, apresentando um desafio a exercícios de classificação arqueológica que buscam correlacionar itens da cultura material com identidades específicas. Nesse sentido, o entendimento de que “Waiwaizar’ as tecnologias não é homogeneizá-las, mas fazer coabitar as diferenças, apesar de algumas práticas em comum.” (RODRIGUES e GASPAR, 2020, p. 197), pode nos auxiliar em passos seguintes do nosso esforço de entender melhor o papel do *xkmari* nessa rede de aproximação e diferenciação das identidades na aldeia Mapuera e na região mais ampla.

Por fim, como um item de natureza perecível, o *xkmari*, quando abordado arqueologicamente, nos permite tratar dessas duas dimensões da materialidade (perecível e não perecível) que, no caso desse item específico, são indissociáveis. Do ponto de vista arqueológico, o desafio adicional que se coloca e que necessita ser mais frequentemente tratado é como engajar a dimensão material indelével, com a qual nos deparamos com maior frequência, com o imenso universo material perecível, muitas vezes subvalorizado, especialmente, em contextos amazônicos.

AGRADECIMENTOS

Agradecemos enormemente às mulheres da aldeia Mapuera que participaram deste trabalho. Camila Jácome, Igor Morais Mariano Rodrigues e Victor Alcântara e Silva nos ajudaram com referências bibliográficas e dúvidas gerais. Agradecemos também as contribuições dos dois pareceristas da primeira versão deste texto. Nem todas as sugestões pudemos incorporar por causa das lacunas dos nossos dados. Somos muito gratos pelo convite para participar do Simpósio Tecnologias Perecíveis (SAB 2019) organizado por Rodrigo Lessa Costa, Igor Morais Mariano Rodrigues e Fabíola Andrea Silva. A participação nesse simpósio nos abriu os olhos para uma dimensão da cultura material que recorrentemente é relegada nos trabalhos arqueológicos. Agradecemos a Bruna Rocha pela contribuição com a tradução do resumo em inglês e com revisões do texto e a Diego Amoedo pelo resumo em espanhol. Nunca é desnecessário dizer que os erros e inconsistências que porventura permanecem no texto são de inteira responsabilidade dos autores.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- d'ABBEVILLE, Claude. *História da Missão dos Padres Capuchinhos na Ilha do Maranhão e suas Circumvisitações*. São Luís: Typographia do Frias, 1874 [1614].
- ALCÂNTARA E SILVA, Victor. Vestígios do Rio Turuni. In: GRUPIONI, Denise F.; ANDRADE, Lúcia. M. M. de. *Entre águas bravas e mansas: índios e quilombolas em Oriximiná*. São Paulo: Comissão Pró-Índio de São Paulo, Iepé - Instituto de Pesquisa e Formação Indígena, 2015, p. 148-163.

- ALCANTARA E SILVA, Victor. Através do Espelho: Territorialidade e Socialidade Humana e não-Humana entre os Kahyana do Rio Trombetas Anais 6ª REA-Reunião Equatorial de Antropologia, Volume 2, Salvador, Bahia, 2019, p. 66-76.
- BARSE, William P. *A preliminary archaeological sequence in the Upper Orinoco Valley, Territorio Federal Amazonas, Venezuela*, Tese de Doutorado, Catholic University of America, 1989.
- BEL, Martijn van den. How to make cassava bread: the introduction of metal graters in the Guianas during the 17th century », *Americae [en ligne]* | 5, 2020, mis en ligne le 30 septembre 2020. <https://americae.fr/articles/make-cassava-bread-introduction-metal-graters-guianas/>
- BEL, Martijn van den. Uma nota sobre a introdução de raladores de metal e sobre a produção e consumo da mandioca e do milho na zona costeira das Guianas, durante o século XVII, *Revista Amazônica* v.7, n. 1, p. 100-132, 2015.
- BROWN, Charles B. *Canoe and Camp Life in British Guiana*. London: Edward Stanford, 1876.
- CAIXETA DE QUEIROZ, Ruben. *Trombetas-Mapuera – território indígena*. Brasília: FUNAI/PPTAL, 2008.
- CAIXETA DE QUEIROZ, Ruben. Cosmologia e história waiwai e katxuyana: sobre os movimentos de fusão e dispersão dos povos (Yana). In: GRUPIONI, D. F.; ANDRADE, L. M.M. de. *Entre águas bravas e mansas: índios e quilombolas em Oriximiná*. São Paulo: Comissão Pró-Índio de São Paulo e Iepé - Instituto de Pesquisa e Formação Indígena, 2015, p. 104-133.
- CAMINHA, Pero V. *A Carta de Pero Vaz de Caminha*. Ministério da Cultura, Fundação Biblioteca Nacional, Departamento Nacional do Livro. http://objdigital.bn.br/acervo_digital/livros_eletronicos/carta.pdf.
- CARDIM, Fernão. *Tratados da Terra e Gente do Brasil*. Rio de Janeiro: Editores J. Leite & Cia, 1925 [1580].
- CHERNELA, Janet. Social Meaning and Material Transaction: The Wanano-Tukano of Brazil and Colombia. *Journal of Anthropological Archaeology* 11, 111-124, 1992.
- DEBOER, Warren. The Archaeological Evidence for Manioc Cultivation: A Cautionary Note, *American Antiquity* 40(4), 419-433, 1975.
- DIAS, Adriana S. Novas perguntas para um velho problema: escolhas tecnológicas como índices para o estudo de fronteiras e identidades sociais no registro arqueológico. *Boletim do Museu Paraense Emilio Goeldi*, v. 2, n. 1, p. 59-76, 2007.
- DUARTE-TALIM, Déborah. L. *As indústrias líticas das ocupações ceramistas da Amazônia: Estudo do sítio PA-OR-127: Cipoal do Araticum, região de Porto Trombetas, estado do Pará*. Dissertação de Mestrado, Universidade Federal de Minas Gerais, 2012.
- DUARTE-TALIM, Déborah L. Uma cadeia aperatória dentre de um sistema técnico: os (possíveis) dentes de ralador da Amazônia,” *Teoria & Sociedade*, 23 (1): 13-40, 2015.
- FARABEE, William C. *The Central Caribs. Philadelphia*. The University Museum, University of Pennsylvania, 1924.
- FOCK, Neil. *Waiwai: Religion and Society of an Amazonian Tribe*. Copenhagen: The National Museum, 1963.

- GALLOIS, Dominique T. *Rede de Relações nas Guianas*. São Paulo: Associação Editorial Humanitas, FAPESP, 2005.
- GASPAR, Meliam V. *Arqueologia e história de povo e línguas Karib: um estudo da tecnologia cerâmica*. Tese de doutorado, Universidade de São Paulo, 2019.
- GRUPIONI, Denise F. Os yana caribe-guianenses na região de Oriximiná: Que coletividades são essas? In: GRUPIONI, Denise F; ANDRADE, Lúcia M.M. de. *Entre águas bravas e mansas: índios e quilombolas em Oriximiná*. São Paulo: Comissão Pró-Índio de São Paulo, Iepé – Instituto de Pesquisa e Formação Indígena de São Paulo, 2015, p. 134-147.
- HONORATO DE OLIVEIRA, Vinicius E. *Shatters among Sherds: A study of lithic assemblages of the Upper Tapajós River*. Dissertação de Mestrado, Institute of Archaeology, University College London, Reino Unido, 2015.
- HOWARD, Catherine. A domesticação das mercadorias: estratégias Waiwai. In: ALBERT, Bruce; Ramos, Alcida R. (Org.). *Pacificando o branco: cosmologias do contato no Norte-Amazônico*, 25-60. São Paulo: Universidade Estadual Paulista (Unesp), 2002.
- JÁCOME, Camila. *Dos Waiwai aos Pooco - Fragmentos de história e arqueologia das gentes dos rios Mapuera (Mawtohrî), Cachorro (Katxuru) e Trombetas (Kahu)*. Tese de doutorado, Universidade de São Paulo, 2017.
- LATHRAP, Donald W. *The Upper Amazon*. London: Thames and Hudson, 1970.
- LATHRAP, Donald W. The antiquity and importance of long-distance trade relations in the moist tropics of pre-Columbian South America. *World Archaeology* 5 (2), 170-186, 1973.
- LÉRY, Jean de. *Viagem à Terra do Brasil*. Biblioteca do Exército- Editora, segundo a edição de Paul Gaffárel, traduzido por Sérgio Millet, 1961 [1578].
- LEMONNIER, Pierre. The study of material culture today: toward an Anthropology of technical systems. *Journal of Anthropological Archaeology*, 5, p. 147-186, 1986.
- MORAES, Claide P.; AMARAL LIMA, Anderson M.; SANTOS, Rogério A. Os Artesãos das Amazonas: a diversidade da indústria lítica dos Tapajó e o Muiraquitã. In: Stéphen Rostain (ed.): *Antes de Orellana - Actas del 3er Encuentro Internacional de Arqueologia Amazônica*, EIAA. Instituto Francés de Estudios Andinos, 133-140, 2014.
- MORAES, Claide P. O determinismo agrícola na arqueologia amazônica. *Estudos Avançados*, v. 29 n. 83, p. 25-43, 2015.
- MEGGERS, Betty J. The Archaeology of the Amazon Basin: in Steward, J.: *HBSAI*. Smithsonian Institution. Washington. Vol. 3, 1948.
- NEVES, Eduardo G. Não existe Neolítico ao sul do Equador. In: BARRETO, Cristina; LIMA, Helena; BETANCOURT, Carla (Org.). *Cerâmicas arqueológicas da Amazônia*. Belém: IPHAN / Museu Paraense Emílio Goeldi, 2016.
- PANICH, Lee M., ALLEN, Rebecca & GALVAN, Andrew. The Archaeology of Native American Persistence at Mission San José, *Journal of California and Great Basin Anthropology*, v. 38, n. 1, p. 11-29, 2018.
- PERRY, Linda. Starch Analyses Reveal Multiple Functions of Quartz “Manioc” Grater Flakes from the Orinoco Basin, Venezuela, *Interciencia* 27(11), 635-639, 2002.

- PERRY, Linda. Starch Analyses Reveal the Relationship between Tool Type and Function: An Example from the Orinoco Valley of Venezuela, *Journal of Archaeological Science* 31(8),1069-1081, 2004.
- PERRY, Linda. Reassessing the Traditional Interpretation of “Manioc” Artefacts in the Orinoco Valley of Venezuela, *Latin American Antiquity* 16(4), 409-426, 2005.
- PROUS, André; AMORELLI, Filipe; ALONSO, Márcio; RODRIGUES CUNHA, Ana Carolina.; PESSOA LIMA, Ângelo; COSTA E SOUZA, Jorge M. Les râpes Baniwa et Way Wai, derniers instruments de pierre taillé indigènes d’Amérique du sud. In: STERNKE, Farina; EIGELAND, Lotte; COSTA, Laurent-Jacques. (Org.). *Non-Flint Raw Material Use in Prehistory*. Oxford: BAR International, 123-132, 2009.
- PROUS, André, SOUZA, Gustavo N. e LIMA, Angelo P. A importância do lascamento sobre bigorna nas indústrias líticas do Brasil. *Arquivos do Museu de História Natural e Jardim Botânico XXI(2)*, Belo Horizonte, UFMG, pp, 283-322, 2012.
- RIBEIRO, Berta. *Os índios das Águas pretas: modo de produção e equipamento produtivo*. São Paulo: Edusp/Companhia das Letras, 1995.
- ROCHA, Bruna C. Rocha. *Ipi Ocemumuge: A Regional Archaeology of the Upper Tapajós River*. Tese de Doutorado, Institute of Archaeology, University College London, Reino Unido, 2017.
- RODET, Maria Jacqueline, GUAPINDAIA, Vera & MATOS. Amauri. Análise Tecnológica e Cadeia Operatória: uma nova proposta para a indústria lítica lascada das culturas ceramistas da Amazônia. *Arqueologia Amazônica* v.2, Belém: MPEG/IPHAN/SECULT, pp.681-714, 2010.
- RODRIGUES, Igor e GASPAR, Meliam V. Tecnologias de trançados e cerâmicas dos Wai Wai em coleções etnográficas. *INDIANA* 37.2, p. 171-203, 2020.
- ROOSEVELT, Ana C. *Parmana. Prehistoric maize and manioc subsistence along the Amazon and Orinoco*. New York: Academic Press, 1980.
- ROTH, Walter E. An introductory study of the Arts, Crafts, and Customs of the Guiana Indians. In: *Thirty Eighth annual report of the Bureau of American Ethnology to the Secretary of the Smithsonian Institution 1916-1917*. Washington: United States Government Printing Office, 1924.
- SANTOS, Rogério A.. *Dente De Ralador e Furador? Um Estudo Preliminar Da Função De Dois Tipos de Artefatos Líticos Oriundos do Sítio Arqueológico do Porto, Santarém-PA*. Trabalho de Conclusão de Curso, Santarém, Universidade Federal do Oeste do Pará (UFOPA), 2015.
- SCHOMBURGK, Robert H. Journal of an expedition from Pirara to the Upper Corentyne, and from Thence to Demerara. *Journal of the Royal Geographical Society of London*, v. 15, p. 1-104, 1845.
- SCHULER ZEA, Evelyn. *Verbete Waiwai*: www.socioambiental.org/pib/epi/waiwai/waiwai.shtm. Acessado em 16 de julho de 2021. São Paulo: ISA, 2006 (verbete).
- SOARES DE SOUSA, Gabriel. *Tratado Descritivo do Brasil em 1587*, 2ª ed, Comentada por Francisco Adolpho de Varnhagen. Rio de Janeiro: Typographia de João Ignacio da Silva, 1879 [1587].
- STADEN, Hans. Duas viagens ao Brasil: primeiros registros sobre o Brasil [recurso eletrônico] / Hans Staden; [tradução Angel Bojadsen; introdução de Eduardo Bueno]. Porto Alegre, RS: L&PM, 2011. ca.1524-ca.1576, 2011 [1557]

VALENTINO, Leonor. *As transformações da pessoa entre os Katwena e os Tunayana dos rios Mapuera e Traombetas*. Tese de Doutorado. Universidade Federal do Rio de Janeiro/Museu Nacional, 2019.

YDE, Jens. *Material Culture of the Waiwai*. Copenhagen: National Museum, 1965.

WAI WAI, Cooni. *A cerâmica Wai Wai: modos de fazer do passado e do presente*. Trabalho de Conclusão de Curso, Santarém, Universidade Federal do Oeste do Pará, 2019.

WAI WAI, Jaime X. *Levantamento etnoarqueológico sobre a cerâmica Konduri e ocupação dos Wai Wai na região da Terra Indígena Trombetas-Mapuera (Pará, Brasil)*. Trabalho de Conclusão de Curso, Santarém, Universidade Federal do Oeste do Pará, 2017.

ZUCCHI, Alberta. Evidencias arqueológicas sobre grupos de posible lengua Caribe. *Antropológica*, 63-64, 23-44, 1985.